

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA LICENCIATURA: ENCONTRO DA ACADEMIA COM A PRÁTICA AUDIOVISUAL

Josias Pereira ¹
Vânia Dal Pont ²

RESUMO

O presente artigo pretende discutir em uma abordagem inicial, a produção de vídeo estudantil como uma metodologia emergente, e a sua importância no processo educacional. Apresenta as áreas teóricas que dão base a esta afirmação. Traz uma pesquisa exploratória realizada com alunos do curso de Licenciatura do curso de Artes da Universidade Federal de Pelotas (RS) e aponta o olhar destes alunos sobre este processo. São abordados os desafios encontrados pelos professores em se trabalhar com produção e vídeo estudantil pela falta de formação, e as potencialidades deste processo frente ao ensino. O texto aponta as teorias que embasam a produção de vídeo estudantil e porque ela pode ser considerada uma metodologia. Verificou-se que a produção de vídeo estudantil colabora com o processo educacional, quando utilizada como uma ferramenta que possui intencionalidade pedagógica.

Palavras-chave: Formação Docente, Produção de Vídeo Estudantil, Educação, Metodologia.

INTRODUÇÃO

Com o avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, o celular que antes era um mero aparelho receptor auditivo, se tornou um aparelho interligado com várias ações simultaneamente, dentre elas destaca-se o acesso à internet, a câmera fotográfica e as redes sociais. Foi por meio destes elementos, que este “telefone inteligente” adentrou a escola, propiciando diversas possibilidades educativas, como a possibilidade de se produzir vídeo. Diante desta ação os alunos passaram de meros expectadores televisivos, para produtores de conteúdo audiovisual. Mas será que nos cursos de formação e licenciatura, os alunos estão aprendendo a lidar com esta tecnologia, para depois de laureados utilizarem na sala de aula?

¹ Doutor pelo Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, erdfilmes@gmail.com

² Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, vaniadalpont@gmail.com

Ao finalizar a licenciatura, surgem várias questões na cabeça do professor recém-formado, que vão desde o nervosismo de encarar uma sala de aula com mais de 30 alunos pela primeira vez, até a falta de suporte tecnológico. Estes professores movidos por resiliência, acabam tendo que se adaptar à realidade controversa que tem a sua frente, como alunos que ainda não adquiriram a leitura de forma completa, alunos que estão com algum atraso no processo educacional e outros alunos que dominam a tecnologia, porém para uso pessoal e não de forma didática. Contudo, esse professor, oriundo de uma sociedade tecnológica, sabe utilizar muito bem a tecnologia para uso pessoal, porém na hora de fazer o processo de transposição desta tecnologia para o seu dia a dia como docente, ele encontra um desafio.

Autores como Moran (2007), Levi (2010), dentre outros, debatem a tecnologia pelo seu viés filosófico, porém poucos pesquisadores e teóricos colocam o pé no chão da escola, dentro da sala de aula, e dali de dentro, discutem o fazer docente. Paulo Freire (1974) talvez seja um expoente nessa categoria, pois debate justamente a didática docente, ou seja, a relação do fazer docente, pois afirma que é no processo e na interação entre professor e aluno, que o conhecimento é apresentado, debatido e internalizado. Este texto tem o objetivo de debater o encontro da academia com a produção audiovisual, ou seja, a produção de vídeo estudantil nos cursos de licenciatura, demonstrando as potencialidades e os desafios desta ação.

TECNOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Durante a formação, os futuros professores debatem sobre variadas questões filosóficas, dentre elas destacam-se o que se entende por processo educacional, o que se entende por ensino aprendizagem e quais seriam as estratégias que poderiam ser utilizadas dentro desse processo do ensinar e aprender. Porém, poucos destes futuros professores, experienciam na prática ações desta tecnologia, pois na maioria dos casos ela é apresentada somente na pós-graduação.

Nos últimos cinco anos, houve um crescimento na pós-graduação, no intuito de querer compreender esse uso da tecnologia dentro do processo educacional. Uma das áreas do conhecimento que se destaca neste debate, é justamente a disciplina de Matemática, onde várias técnicas e tecnologias são apresentadas. Entre as mais

conhecidas, destacam-se o Geogebra³ e os festivais de vídeo estudantil de Matemática, onde professores e alunos produzem vídeo com temas ligados à disciplina. Talvez por ser uma das disciplinas que mais reprova na Educação Básica, a Matemática busca renovar sua didática e apresentar novas ações, que perpassam o habitual.

Ao pensar que existem vídeos sendo produzidos por estudantes, imagina-se também, que existem professores que estão orientando esses alunos a produzir os seus vídeos. Assim, algumas perguntas sobre a produção de vídeo estudantil, que são encontradas em artigos acadêmicos, se resumem a apenas uma questão: Onde os professores foram capacitados para aprender a fazer vídeo de forma pedagógica e não apenas de forma técnica?

Pereira, desde 1997 apresenta ações na relação aluno- professor- vídeo, porém não foi o primeiro a debater a produção de vídeo estudantil, mas talvez seja o pesquisador que a mais tempo vem apresentando artigos, livros e resenhas, sobre como essa ação de produção de vídeo dentro do espaço escolar pode ser uma ação pedagógica.

Pereira (2007) apresentou em sua dissertação, como os professores na cidade do Rio de Janeiro realizaram um vídeo com seus alunos. Lembra-se que no referido ano não existia o site do *YouTube* e muitos professores realizavam vídeo com câmeras *VHS* analógicas, e depois de filmar os vídeos eram editados da câmera para o vídeocassete (que no caso era utilizado para copiar o material que seria editado), ele era ligado a cabos RCA em entradas e saídas específicas, pois assim o vídeo passaria da filmadora para o vídeocassete e na maioria das vezes a edição não seguia o padrão formal. Porém, como sempre defendeu Pereira (2012, 2014, 2016), o vídeo vale pelo processo de produção e não pelo vídeo pronto, pois ao se produzir um o vídeo estudantil, o aluno aprende.

Em sua tese Pereira (2014) aponta que produzir vídeo estudantil é um processo educacional, pois está ligado à intencionalidade pedagógica docente, ou seja, o ato de produzir um vídeo estudantil deve ser pensado pelo professor com uma ação pedagógica, buscando por uma didática tecnológica e para que essa ação ocorra, é preciso que por trás dessa didática, exista uma intencionalidade pedagógica, pois quando o professor não tem uma intencionalidade pedagógica, a produção de vídeo estudantil torna-se uma mera ação tecnológica, perdendo seu impacto e toda sua importância dentro do processo

³ Geogebra: São diversos aplicativos matemáticos para gráficos, geometria, 3D e Start Calculator. Disponível em: <https://www.geogebra.org/?lang=pt>. Acesso: 28/09/2021.

educacional. Por este motivo, seria importante que na graduação e nos cursos de licenciatura, os professores tivessem acesso a esse tipo de conhecimento.

Portanto, apresenta-se neste trabalho uma importante reflexão sobre a possibilidade do aluno de graduação cursar uma disciplina que o ensine a utilizar a tecnologia com uma intencionalidade pedagógica, para que depois de formados eles ensinem os seus alunos a utilizar a câmera para produzir vídeos estudantis. Seja na categoria de animação com *StopMotion*, vídeos de ficção, documentários, ou fazer enquadramentos, decupagens, análises técnicas, editar o material filmado, baixar e inserir material do *YouTube* e usar *softwares* de edição, todas estas ações seriam alcançadas dentro desta disciplina. Deste modo, neste processo educacional apresentado, o aluno aprenderia um leque de opções, que posteriormente poderia reproduzir com sua turma, seja na Educação Infantil, no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

Porém como o aluno aprende ao produzir um vídeo estudantil?

Teoria é um dos elementos que ajudam a compreender o objeto de estudo por pontos de vistas em muitos casos inédito. No caso da produção e vídeo estudantil, duas teorias colaboram para este entendimento: a Neurociência e a Semiótica. E para entender como estas duas teorias embasam a produção de vídeo estudantil, é preciso fazer um deslocamento conceitual, ou seja, demonstrar intervenções dessas teorias que são importantes, para que se possa compreender a importância de certas atividades que a produção de vídeo estudantil proporciona ao aluno.

A semiótica não é algo inédito na sua relação com a educação, porém na produção de vídeo estudantil passa a ser um elemento novo. Ao produzir um vídeo os alunos criam um signo imagético que será lido e decodificado por outro. Segundo o professor Fiorin (2017),

A semiótica é a ciência que tem por objeto o estudo da produção e da interpretação dos discursos manifestados em textos. Não é a análise do significado, mas da significação, veiculada por qualquer plano de expressão, o que significa que ela se dedica a todas as linguagens. (p.19)

Ou seja, quando um aluno produz um vídeo ele está imaginando algo que seria o significado, uma ação mental. E ao mesmo tempo quando ele vai gravar a ideia precisa materializar essa ação transformando o significado em significante, a imagem. E este significante será decodificado pelo espectador.

Para a Neurociência, ao produzir um vídeo estudantil, o cérebro do aluno está 100% organizando ações que funcionem e que façam gerar aquele produto audiovisual.

O vídeo não existe fisicamente, mas é um produto, fruto de um processo da imaginação de várias mentes pensantes, organizado sob uma inteligência coletiva. Para que esse produto possa ser realizado de forma pedagógica, alunos e professores dialogam, brincam e aprendem dentro e fora do currículo formal, aflorando o currículo oculto. Como informa Pereira e Dal Pont (2018), a produção de vídeo estudantil contribui com o currículo oculto, pois apresenta que o aluno também tem voz dentro do sistema e pode assim, apresentar para a academia um pouco de sua cultura e dos signos que internalizou nos últimos anos de sua vida. Um fato importante dentro deste processo de aprendizagem, é que no momento da produção os alunos aprenderam além das atividades pautadas no currículo formal.

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: UMA METODOLOGIA EMERGENTE

Segundo Moran (2017), a educação avança em uma espiral dentro do processo de aprendizagem, e a aprendizagem se torna ativa, pois os alunos estão saindo do nível mais simples, para os mais avançados, em diversas dimensões. Nesta atividade os alunos participam ativamente do seu processo de ensino e não apenas fisicamente, mas mentalmente. Ao produzir um vídeo estudantil, o aluno é provocado a pensar sobre política, sociedade, educação e cultura, pois a produção envolve um ato de guerrilha cultural e ideológica, além de:

- Discutir o que vai realizar;
- Escrever o roteiro e as ações que devem ser realizadas;
- Ler o roteiro e analisa os personagens;
- Analisar as ações dos personagens;
- Analisar questões de produção e direção do filme;
- Solucionar problemas que vão aparecer no decorrer da produção do vídeo;
- Ensinar e aprende técnicas da produção audiovisual;
- Trocar experiências com seus pares;
- Reorganizar esquemas mentais sobre ações da produção de vídeo.

Sendo assim, a Metodologia da Produção de Vídeo Estudantil, a qual denomina-se Metodologia PVE, nasceu da prática audiovisual, em oficinas realizadas pelos professores e bolsistas do curso de Cinema do projeto de Pesquisa e Extensão: “Produção de Vídeo Estudantil”, da Universidade Federal de Pelotas (RS), que desde 2011 vem orientando e formando professores e alunos nesta produção. A Metodologia PVE, Tem

como função apresentar para professores e alunos ações de como realizar um vídeo na escola de forma pedagógica. John Dewey (1959) afirma que se a educação ensinar os alunos de hoje como se ensinou no passado, se roubará deles o amanhã, reforçando esta afirmação, Piaget (1970) ressalta que: “O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.” (p.53)

Este texto tem o intuito de apresentar a ressignificação do cinema e educação, caminhando da teoria para a prática. Assim, a Metodologia PVE apresenta não apenas a teoria do cinema e a sua prática, mas faz um recorte da área do cinema para a área da educação, pois no curso de Cinema (Bacharelado) o mais importante para o aluno é apresentar uma obra final, um signo imagético, comercial, cultural ou artístico. No caso da educação, o mais importante são os processos educacionais que o aluno passa ao produzir um vídeo, ou seja, é a intencionalidade pedagógica que deve prevalecer para o processo ser educacional e não apenas um mero fazer tecnológico.

METODOLOGIA

Visando entender o cotidiano dos alunos na disciplina de Cinema, do curso de Artes da Universidade Federal de Pelotas (RS) este trabalho realizou uma pesquisa qualitativa, procurando refletir sobre a visão do próprio sujeito sobre o objeto, utilizando a abordagem de estudo de caso, que tem como característica conhecer profundamente o objeto de estudo.

Assim, esta pesquisa foi realizada com alunos do segundo semestre do curso de Artes 2021, da Universidade Federal de Pelotas (RS), onde foi ofertada uma disciplina totalmente prática e *online*. Assistindo as aulas, os alunos iriam aprender a produzir um vídeo e escolher entre as categorias de animação *StopMotion*, documentário ou ficção e apresentar um vídeo como trabalho final. Treze alunos participaram da pesquisa, respondendo a perguntas *online*, que foram sendo feitas durante as aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados a seguir, correspondem as respostas dadas pelos alunos que participaram da pesquisa. Na pesquisa exploratória, realizada com os alunos de

graduação do curso de Artes, constatou se que 100% dos respondentes disseram que seria importante ter uma disciplina que contemplasse a produção de vídeo estudantil em sua graduação. Muitos alunos comentaram animados as ideias de produção de vídeos, junto aos seus futuros alunos, como pode-se observar nas seguintes falas:

Aluno 1 - Olá professor, tudo bem? Primeiramente gostaria de agradecer por nos apresentar uma maneira de produzir Stop Motion tão fácil e acessível. Inicialmente tive muitas ideias que não deram certo, mas com a última tentativa surgir um resultado que eu gostei muito! Eu amei realizar a atividade, me renderam boas risadas e bons pensamentos para realizar a atividade em sala de aula. Antes de desenvolver uma proposta de atividade para uma turma sempre busco pensar nos meus momentos na escola e o tipo de atividade que me chamariam atenção, sem dúvidas eu iria amar criar um Stop Motion. Sobre a criação do vídeo, tive certa dificuldade em adicionar a música, mas acredito que o resultado ficou bom! Gostei muito e espero que goste também :) muito obrigada pela atividade!

Aluna 2 - Boa tarde pessoal, eu gostei muito de fazer o vídeo! Acho que ver o resultado funcionando de acordo com o processo é animador e pode gerar bastante interesse tanto pelo conteúdo quanto pelo fazer do vídeo. Penso que o fazer em grupo seria muito enriquecedor e divertido, lembro como eu gostava de fazer trabalhos diferentes em grupo com amigos na escola e penso que essa seria uma boa alternativa para promover essas experiências.

Aluna 3 - Bom dia. Me diverti bastante experimentando, aprendendo e construindo a ideia do Stop Motion. Durante o processo já fiquei imaginando mil ideias para construir junto com os alunos!

*Aluno 13 - Bom dia, professor! Obrigada pela oportunidade! Tenha certeza de que o que aprendi aplicarei com os alunos. O tempo e circunstâncias não me ajudaram muito. Precisei sair da sala de aula, até então o retorno dos vídeos dos alunos estavam sendo ótimos. Aproveitei também para realizar vídeos para escola e Coordenadoria. Aproveitei esse vídeo de depoimento para incluir como trabalho final. Obrigada mais uma vez!
Gratidão pelo seu trabalho.*

Alguns alunos apontaram ter dificuldades com a tecnologia, porém mesmo assim conseguiram realizar a atividade:

Aluno 4 - Foi bem interessante fazer este vídeo, pois nunca havia feito algo parecido, na verdade não tenho nem um jeito pra tecnologia digital, gravei, e acho que na escola os alunos iriam gostar, desde que esse acesso fosse acessível a todos seria bem interessante. Bom tentei fazer! não ficou lá estas coisas, escolhi o Stop Motion Studio, mas não consegui colocar texto, só a animação mesmo e também não consegui colocar no YouTube nem sei como fazer, e colocar apenas

o link aqui pra mim a plataforma e-aula já é complicada preferia que os trabalhos fossem direto pra um e-mail assim não levaria muitas horas para tentar efetuar os trabalhos como esse que estou a mais de 6 horas tentando colocar aqui na plataforma e pelo que vejo não tive sucesso. Então pra mim que utilizo quase sempre o celular ficaria mais fácil para entregar os trabalhos, tenho notebook, mas ele é compartilhado com mas duas pessoas e é bem raro fazer meus trabalhos nele, espero que isso não seja um problema!?! Desde já agradeço a compreensão.

Outros alunos comentaram sobre os aplicativos utilizados no curso, apontando os desafios e as potencialidades encontrados:

Aluna 6 - Gostei bastante do aplicativo, bem didático!! Assim como colegas já falaram, na sala de aula separaria os alunos em grupos, onde pelo menos um aluno tenha acesso a um celular ou uma câmera, para que possam fazer experimentações com o Stop Motion, se não no app, de alguma outra maneira.:)

Aluna 7 - Eu gostei de fazer, esse aplicativo ajuda muito!! Acho que super da pra fazer com os alunos, de uma forma bem didática e que meche bastante com a imaginação!

Aluna 8 - Muito bom o aplicativo Pic Pac, pois é de fácil de manuseio. Uma forma divertida de fazer inúmeras criações. E dentro de sala de aula podemos levar este atrativo para os alunos, pois com isso eles podem explorar sua imaginação. Assim, dando oportunidade para que os alunos aprendam cinema utilizando apenas seu celular.

Aluno 9 - Sempre me interessei muito por todo o universo do cinema de animação e durante o início da quarentena enquanto ainda estava sem aulas e sem trabalho comecei a pesquisar por conta e realizar algumas produções em casa, as quais inclusive me possibilitaram de participar de diversos editais na categoria de Stop Motion, incluindo o Aldir Blanc. Resumindo, por mais que ache todo o processo de um Stop Motion muito demorado é algo gratificante e prazeroso para mim.

Outro fato que chamou a atenção foram as falas de alguns alunos sobre a confecção do material para realizarem o vídeo:

Aluno 5 - Foi bem divertido criar o curta, uma experiência maravilhosa que fazia muito tempo que não brincava. Acabei criando o vídeo partir de como fazer um Tsuru e fazer o papel se dobrar sozinho, o restante da história veio com o processo... Stop Motion pode ser feito de maneiras tão simples e é bem amigável a iniciantes, precisando somente de uma ideia, uma câmera e paciência.

Aluno 11 - Este o qual eu disponibilizei aqui eu mesma que confeccionei todos os bonecos utilizados com técnicas de dobradura e colagem a partir de um livro antigo para contar de uma forma sucinta e apenas com imagens a história da "Alice no país das maravilhas". É um vídeo bem amador, apesar de toda a confecção dos bonecos que foi o que mais demorou para ser realizado e acho que

seria um vídeo interessante de se trabalhar nas escolas, pois, além de utilizar elementos que já possui em casa abre espaço para criatividade aflorar e as crianças produzirem seus próprios brinquedos que podem vir a servir tanto quanto cenário e personagens, como diversão no fim. Estimulando de tal forma a criatividade e pensando de maneira sustentável, utilizando elementos que iriam parar no lixo de forma indevida e ressignificando estes.

Diante das falas destes alunos é possível afirmar que a produção de vídeo estudantil pode ser vista como uma metodologia, que foi gestada dentro da sala de aula e que vem aflorando por meio da formação de professores que refletem sobre sua prática e buscam por novas técnicas de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acreditar que a produção de vídeo estudantil pode contribuir com a aprendizagem dos alunos, buscou-se neste trabalho discorrer sobre seu uso como uma ferramenta tecnológica no processo de ensino.

Os alunos relataram suas experiências durante a realização dos vídeos, e verificou-se que a maioria deles não conheciam essa tecnologia e gostaram muito, e consideraram a produção de vídeo estudantil, como um recurso que complementa o processo de aprendizagem dos alunos e pode tornar a aula mais divertida. Por meio de suas ideias, os alunos demonstraram refletir sobre a necessidade de se planejar antes de realizar a atividade.

A maioria dos alunos ressalta a importância de cursos de capacitação e formação permanente sobre tecnologia, que colaboram com quem quer aprender técnicas de produção de vídeo e utilizar em sala de aula, pois para o aluno além da teoria é importante ter disciplinas que contribuem com sua ação didática na prática da sala aula.

REFERÊNCIAS

DEWEY, J. Democracia e educação. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FIORIN, J. L. O Que é Semiótica. In: Pereira, J. A semiótica Greimasiana no audiovisual: Da Teoria à Prática. ed. Pelotas: Erdfilmes, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LÉVY, P. Cibercultura. Rio de Janeiro: 34, 2008.

MORAN, J. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAN, J. M. Entrevista Concedida ao canal Metodologias Ativas, UNISUL. 2017.

PEREIRA, J. A Produção de Vídeo em Escolas - Um estudo sobre o perfil dos professores que trabalham com a criação de vídeos em escolas do município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestre em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, J. A produção de vídeo estudantil na prática docente: uma forma de ensinar. Pelotas, 2014. Tese (Doutor em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

PEREIRA, J. Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da Sala de Aula. Pelotas. Erdfilmes, 2016.

PEREIRA, J.; DAL PONT, V. Como Fazer Vídeo Estudantil Na Prática da Sala de Aula. Editora ErdFilmes, Pelotas, 2018.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. (Org.). Produção de vídeo nas escolas: uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador. 1. ed. Pelotas: ErdFilmes, 2014.

PEREIRA, J.; JANHKE, Giovana. Produção de vídeo nas escolas: Educar com Prazer. Pelotas: ErdFilmes, 2012.

PIAGET. J. Psicologia e Pedagogia., Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.